

passa por uma fase de clamor do sexo, na descoberta do desejo, sob a recorrente tentação de um colega de escola, num momento em que uma doença transmitida pelo sangue destrói multidões pelas ruas, sobretudo dependentes químicos. A peste se chama Vento Vermelho. É difícil não pensar na AIDS ao ver como o contágio se deflagra, por meio de agulhas infectadas. Golshifteh Farahani e Tahar Rahim interpretam um casal de irmãos. A médica vivida por Golshifteh, chamada só de Maman, precisa ajudar o mano Amin (Rahim, em impecável atuação), que o Vento quer levar.

A FÚRIA, de Ruy Guerra (Brasil): Com sintomas plásticos de “Sin City” (2005), em sua forma antinaturalista mediada pelo uso do video mapping (projeção de imagem em larga escala), a parte final da trilogia formada por “Os Fuzis” (1964) e “A Queda” (1978) testemunha a luta do ex-soldado e ex-mestre de obras Mário na peleja por um acerto de contas com dois poderosos que o traíram – e, de forma simbólica, deram uma rasteira no “sonho brasileiro”, a nossa maior ficção. Um deles é seu sogro, hoje um barão da construção civil, Salatiel (Lima Duarte, em estado de graça), bilionário que financia campanhas parlamentares. Um de seus apoiadores é o outro traidor: Feijó, candidato à presidência da Câmara dos Deputados. A atuação de Daniel Filho nesse papel é de um viço raro.

O BOLO DO PRESIDENTE (“Mamlaket al-qasab”), de Hasan Hadi (Irake): O vencedor da láurea de júri popular de Cannes, em 2025, lembra “O Balão Branco” (1995), pela sua matriz de heroína infantil, mas não se agarra a eixos etnográficos. Sua protagonista é Lamia (Banin Ahmad Nayef), uma estudante de 9 anos que precisa cumprir a tarefa imposta por sua escola: preparar um bolo. Não se trata de um bolo qualquer. É o bolo de aniversário para... Saddam Hussein (1937-2006), o então líder de sua pátria. Seu problema: cadê a grana para os ovos, o fermento, o leite? Pior ainda: cadê a dignidade do microcosmos da opressão a seu redor? Tais perguntas rendem peripécias e ínguas geopolíticas, fazendo de um galo um coadjuvante.

UMA INFÂNCIA ALEMÃ (“Amrum”), de Fatih Akin (Alemanha): Uns 22 anos depois de ganhar o Urso de Ouro com o colosso “Contra a Parede”, o diretor que mais aproximou a Turquia (de seus pais) da Hamburgo onde nasceu e cresceu retorna maduro e preciso com um olhar sobre a II Guerra. Seu enredo remonta aos últimos dias do conflito entre o Eixo e os Aliados, quando o menino Nanning (Jasper Billerbeck), de 12 anos, enfrenta o mar traiçoeiro para pescar e trabalha na fazenda próxima para ajudar sua mãe (Laura Tonke) a sustentar a família. Apesar das dificuldades, a vida na ilha de Amrum parece um



Michael

Divulgação



Divulgação

Eclipse



Divulgação

O Olhar Misterioso do Flamingo



El Deseo

Natal Amargo



Divulgação

O Bolo do Presidente

paraíso. Aquele Éden é visto sob a ótica de um garoto que cresceu sob a ideologia do III Reich, no início dos anos 1940, sem saber das atrocidades cometidas por seu país sob o cabresto da SS. Agora, um segredo de família há de abalar a frágil paz do canteiro idílico onde ele vive. Daí surge um drama de despertar delicado.

MICHAEL, de Antoine Fuqua (EUA): Prestes a bater US\$ 1 bilhão em sua arrecadação nas telas, a saga do Rei do Pop, dirigido com todas as manhas melodramáticas

do cineasta por trás da franquia “O Protetor” (2014-2023), firma-se como a biopic (épico biográfico) mais rentável da História, embora tenha vencido o segundo lugar, o oscarizado “Oppenheimer” (2023), só por alguns milhares de dólares. Acusado de suavizar passagens controversas da trajetória de Michael Jackson (1958-2009), a biografia do cantor de “Thriller” e “Beat It” se agiganta na opção por uma linguagem de tons documentais capaz de recriar shows com um realismo que deslumbra a plateia. Colman Do-



Divulgação

Perto do Sol É Mais Claro

mingo causa ódio no papel de Joe Jackson, o pai patrão dos Jackson Five, numa atuação feroz. Já Jaafar Jeremiah Jackson, sobrinho do ídolo, faz bonito ao reviver o tio em sua mocidade cheia de atropelos.

ECLIPSE, de Djin Sganzerla (Brasil): Eis um suspense sensorial febril. Filha da atriz e diretora Helena Ignez e do cineasta Rogério Sganzerla, Djin despontou ainda jovem, em 2003, no elenco de “O Signo do Caos”, e estreou na realização de longas-metragens com “Mulher Oceano”, em 2020, com fôlego autoral para debater identidades femininas. Nesta trama, ela cruza mistério, espiritualidade e investigação. Sua personagem, Cleo, astrônoma grávida, recebe sua meia-irmã indígena, Nalu (Lian Gaia). A visita de sua mana mais moça desencadeia a revelação de segredos familiares e conduz ambas a uma descida à Deep Web, onde passam a investigar Tony (Sérgio Guizé), marido de Cleo, figura envolta numa inquietante duplicidade.

Numa atmosfera de mistério, a produção mantém sua tensão contínua, sustentada pela fotografia rigorosa de André Guerreiro Lopes e pela montagem vibrante, assinada por Karen Akerman e Karen Black.

NATAL AMARGO (“Amarga Navidad”), de Pedro Almodóvar (Espanha): Com a especiaria da autocrítica em sua argamassa, o almodrama da vez parece ser um ensaio ético sobre fontes dramatúrgicas e as fidelidades por ela exigidas, com Bárbara Lennie entre suas mais vívidas exuberâncias. Ela atua num diapasão de ambiguidade, fervendo o caldo de uma investigação sobre os limites entre o privado e o público na construção de uma narrativa. A história dela com um jovem bombeiro e com uma amiga por quem nutre distintos sentimentos parece ser só a invenção de um cineasta (Leonardo Sbaraglia) em busca de um filme para rodar. Ambos os enredos passam a refletir-se num jogo metalinguístico onde realidade, memória, ficção e o próprio Almodóvar se confundem e se imiscuem.

PERTO DO SOL É MAIS CLARO, de Regis Faria (Brasil): Responsável pela direção da pornochanchada inicial de nossa comédia erótica, lá em 1969 (“Os Paqueras”), Reginaldo Faria é um ator de raro carisma, vide “Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia” (1977) e o desempenho como o esboço Marco Aurélio em “Vale Tudo” versão 1988. Já octogenário, ele esbanja viço no papel de um engenheiro de 85 anos abalado com a perda recente de sua esposa, que opta por seguir em frente. A narrativa nos guia por sua rotina solitária, mostrando o apoio dos filhos e sua determinação em escrever um livro. Uma paixão inesperada vai alterar sua rotina.

O OLHAR MISTERIOSO DO FLAMINGO (“La Misteriosa Mirada Del Flamenco”), de Diego Céspedes (Chile): Este ganhador do Prix Un Certain Regard de Cannes recua até 1982, numa cidade mineira isolada no deserto chileno, onde a pequena Lidia, de 11 anos, vive sob a proteção de artistas trans e travestis que gerem um cabaré local. Quando uma doença desconhecida começa a espalhar-se entre os mineiros que frequentam clandestinamente o espaço, instala-se um clima de histeria coletiva alimentado pela homofobia e pela transfobia. Corre o rumor de que o contágio acontece através de um simples olhar. Sua diva, Flamingo, figura maternal interpretada por Matías Catalán, tenta proteger Lidia de um mundo cada vez mais hostil. Céspedes evita os códigos convencionais do cinema histórico chileno. Não há preocupação em sublinhar referências oitentistas nem em transformar a ditadura de Pinochet num eixo narrativo explícito. Prefere mostrar as consequências invisíveis de uma sociedade moldada pelo fascismo, sem transformar a memória política em ilustração didática.